

LACTAÇÃO MATERNA: A CONTRIBUIÇÃO DO PAI

BREASTFEEDING: THE CONTRIBUTION OF THE FATHER

LACTACIÓN MATERNA: LA CONTRIBUCIÓN DEL PADRE

Rosineide Santana de Brito¹

Bertha Cruz Enders²

Verônica Guedes Soares³

O estudo teve como objetivos verificar a concepção do pai sobre o aleitamento materno, identificar a maneira pela qual ele contribui e o período da amamentação em que colabora com sua companheira no processo da lactação do filho. Os dados foram coletados por meio de entrevista semi-estruturada junto aos pais cujo(a) filho(a) estava na faixa etária de 0-2 anos de idade e freqüentavam os serviços de Imunização e de Acompanhamento de Crescimento e Desenvolvimento da Criança (CD), de cinco unidades de saúde do município de Natal-RN. Os resultados demonstram que alguns pais não têm conhecimento acerca do aleitamento natural, mas reconhecem a importância do leite humano para o crescimento da criança. Sua contribuição no processo da amamentação ocorre com atitudes e ações em relação ao filho, a companheira e aos afazeres domésticos, principalmente nos primeiros seis meses de vida da criança.

PALAVRAS-CHAVE: Lactação. Homem. Pai.

The objective of this study was to identify the conception of the father related to breastfeeding, his attitudes about the nursing act and his contribution to the breastfeeding process. The data were collected by semi-structured interviews with men whose children were up to 2 years of age and that attended the Immunization Services and the Growth and Development Program (CD) of five health centers in the city of Natal, RN. The results show that there is a relationship between the act of breastfeeding and the historic and political evolution of each period; some fathers lack knowledge of natural breastfeeding but they consider the milk important for the growth of their children; they develop attitudes and actions in relation to their sons, wives, and to the household chores, in order to contribute to the success of the natural breastfeeding.

KEY WORDS: Breastfeeding. Man. Father.

El trabajo tuvo como objetivos verificar la concepción del padre sobre la amamentación materna, identificar la manera como contribuye y el período de la amamentación en que contribuye con su compañera en el proceso de lactación del hijo. La colecta de datos fue realizada a través de entrevista semiestructurada junto a los padres cuyo(a) hijo(a) se encontraba en la faja etaria de 0 a 2 años de edad y que frecuentaban los servicios de Inmunización y de Acompañamiento del Crecimiento y Desarrollo del Niño (CD), en cinco unidades de salud del municipio de Natal-RN. Los resultados demuestran que algunos padres no tienen conocimiento acerca de la amamentación natural, pero reconocen la importancia de la leche humana para el crecimiento del niño. Su contribución en el proceso de amamentación se manifiesta con atitudes y con acciones en relación al hijo, su compañera y con los quehaceres domésticos, principalmente, en los primeros seis meses de vida del niño.

PALABRAS-CLAVE: Lactación. Hombre. Padre.

¹ Professora Dra. do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Coordenadora da Pesquisa.

² Professora Dra. do Departamento de Enfermagem da UFRN. Coordenadora da Base de Pesquisa Enfermagem nos Serviços de Saúde.

³ Acadêmica do Curso de Graduação em Enfermagem e Obstetrícia do Dep. de Enfermagem da UFRN. Bolsista PIBIC.

INTRODUÇÃO

Os atuais paradigmas na humanização da assistência no âmbito da atenção à saúde da mulher levam-nos a considerar o homem como membro de fundamental importância para a concretização dessa nova visão de saúde reprodutiva, de modo que possa ajudar e ser ajudado. Entretanto, na maioria das vezes, a ele não é proporcionada a oportunidade de adquirir informações sobre aspectos inerentes à reprodução humana, incluindo a lactação do filho. Em geral, a mulher ocupa o cenário das ações assistenciais, e o homem, quando não ausente, participa de forma tímida. Entendemos que a inserção do homem nos programas de atenção à saúde da mulher, da criança e de incentivo ao aleitamento materno torna-se necessária, se partirmos do princípio de que o processo de reprodução não deve ser visto de maneira unilateral.

Particularizamos, neste trabalho, o aleitamento materno, por ser nosso objeto de estudo. Essa prática, em sua historicidade, guarda relação com fatores sociais, ideológicos, políticos e culturais das diferentes épocas da humanidade. É notório que a cultura, a crença e os tabus têm influenciado de forma marcante sua execução. É um ato que deixou de ser instintivo e biológico, tornando-se um comportamento social e mutável, conforme as épocas e os costumes. Desta forma, o aleitamento materno ou a recusa, raramente, é um ato individual e consciente, uma vez que se vincula à aprovação do grupo social (ICHISATO; SHIMO, 2001).

De acordo ainda com essas autoras, a lactação é uma das maneiras mais eficientes de atender aos aspectos nutricionais, imunológicos e psicológicos no desenvolvimento de uma criança, além de favorecer o melhor relacionamento do trinômio pai-mãe-filho. Essa prática tem sido ressaltada por organizações governamentais e não governamentais, como uma das soluções para a diminuição dos altos índices de morbidade e mortalidade infantil. Este pensamento vem se destacando desde a década de 1970, com movimentos em prol do aleitamento materno.

Dada a importância da amamentação para a saúde infantil, propomo-nos a investigar o homem durante a lactação do filho, com a finalidade de conhecermos aspectos que dizem respeito ao companheiro durante o período do aleitamento materno, com vistas a elaborar ações educativas junto ao pai no âmbito da amamentação. Além disso, concebemos que a enfermeira obstetra, com habilidades em maternidade, segura no desempenho de suas funções, deve atender a mulher e seu companheiro durante a gestação, parto e puerpério de forma humanizada, na perspectiva do sucesso da amamentação natural.

Assim sendo, questionamos a contribuição do pai no aleitamento materno e objetivamos verificar a concepção do homem sobre o aleitamento materno; identificar a maneira pela qual ele contribui para o sucesso do aleitamento natural; e o período da amamentação em que contribui com sua companheira no processo da lactação do filho.

Ressaltamos que este trabalho é parte de um estudo maior intitulado *A Prática de Enfermagem Obstétrica Midwifery em Natal-RN: uma Avaliação do Contexto Face às Mudanças na Organização*, inserido na Base de Pesquisa Enfermagem nos Serviços de Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Esse estudo objetiva conhecer as relações organizacionais e ambientais, bem como as atitudes dos profissionais envolvidos na implantação e no desenvolvimento dessa nova prática de enfermagem obstétrica instituída em maternidades de Natal, sob iniciativa do Departamento de Enfermagem da EEUFRRN.

REVISÃO DA LITERATURA

A amamentação, além de ser biologicamente determinada, é socioculturalmente condicionada. Trata-se, portanto, de um ato impregnado de ideologias e determinantes que resultam das condições concretas de vida (ALMEIDA, 1999). O aleitamento materno é um ato que, desde os

tempos mais remotos da humanidade, tem sofrido influências de diferentes momentos históricos (FERNANDES; BRITO, 2002).

No século XX, o progresso tecnológico, principalmente na área da indústria de alimentos, nutrição infantil e higiene ambiental, juntamente com a elevação dos níveis educacional e socioeconômico, permitiu a expansão da alimentação artificial para bebês, na grande maioria dos países industrializados, ocasionando a concomitante redução da incidência da amamentação (CAMPESTRINI, 1992).

No Brasil, até a década de 1960, os índices de amamentação eram considerados bons, constata-se uma redução na década seguinte. Conforme Nakano (1996), o leite em pó consolidou-se junto à população e profissionais de saúde como alimento suficiente para suprir as necessidades do lactente, contribuindo para o declínio da prática do aleitamento materno. Essa situação ainda hoje é preocupante, tendo em vista a comprovada relação entre desmame precoce e aumento da incidência de desnutrição e da mortalidade infantil (VINHA; SCOCHI, 1989).

De acordo com Almeida (1999), informações do Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição científicas que o desmame precoce, no Brasil, representava um dos sérios agravos de saúde pública no final da década de 1970. Esse autor, ressaltando os dados do Ministério da Saúde, afirma:

A mortalidade infantil era de 88 por 1000 nascidos vivos no País, e de 124 por 1000 no Nordeste: a desnutrição crônica vitimava 48% da população brasileira; o desmame no primeiro mês de vida atingia 54% dos lactentes na cidade de São Paulo e 8% em Recife; 50% dos pediatras prescreviam mamadeiras e 9% aconselhavam o uso de água no intervalo entre as mamadas; 60% das mulheres brasileiras não faziam exame pré-natal. (ALMEIDA, 1999, p.42).

Esse quadro ocasionou uma maior preocupação das instituições governamentais, em virtude das conseqüências negativas do desmame nos países do terceiro mundo. A partir da década de 1970, retomou-se o incentivo ao aleitamento materno, com a finalidade de atender às deficiências de nutrição e saúde da criança (VINHA; SCOCHI, 1989).

No nosso país, esse movimento consolidou-se com a criação, em 1981, do Programa Nacio-

nal de Incentivo ao Aleitamento Materno, que visava à execução de atividades educativas e de treinamento de profissionais da saúde, reorganização dos serviços de atendimento à mulher e ao lactente, controle da publicidade e da distribuição de alimentos infantis industrializados (BRASIL, 1996).

Esse fato leva-nos a ressaltar o entendimento de Campestrini (1992) quanto à questão. A autora afirma que não considerar o aleitamento e seus problemas dentro do contexto sócio-cultural, político e econômico é uma abstração teórica que pode conduzir a erros de interpretação, uma vez que o aleitamento materno e a desnutrição infantil guardam relação com esses aspectos. Acrescenta a autora que, para promover a saúde alimentar, não se deve pensar apenas no papel e orientação das mães, e sim considerar que as mesmas estão expostas a influências de múltiplos fatores adversos.

Para o Ministério da Saúde (BRASIL, 1999), a amamentação é a melhor maneira de alimentar o lactente, constituindo base para efeitos biológicos e emocionais no desenvolvimento da criança. São inúmeras as vantagens do leite materno. Como exemplo, citamos: melhor digestibilidade, composição química balanceada, ausência de fenômenos alergênicos e proteção contra infecções. Outros fatores incluem o reduzido número de bactérias no leite durante o aleitamento materno e o baixo custo quando transferido diretamente ao lactente. Além do mais, o aleitamento materno atende às necessidades afetivas da criança, favorecendo o melhor relacionamento do trinômio pai-mãe-filho, aumentando a probabilidade de maior saúde emocional da criança no futuro (CAMPESTRINI, 1992). Sob o ponto de vista dessa autora, a amamentação tem que ser aprendida e, em grande parte, para ser prolongada com êxito, a maioria das mães precisa de reforço e apoio constantes. Nesse sentido, é importante o apoio psicológico e assistencial prestado pelo homem a sua companheira.

Enfatizando o papel do pai e sua participação no contexto da amamentação, King (1998) atesta que o companheiro, durante o aleitamento natural, é um dos principais membros de apoio à

mãe, contribuindo para a efetivação do ato de aleitar. Nessa linha de abordagem, Primo e Caetano (1999) afirmam que a presença e a ajuda do pai contribui de forma positiva no incentivo e na prática da amamentação. De acordo com esses autores, a aprovação e as atitudes do companheiro em relação à amamentação são consideradas pelas mulheres elementos favoráveis à decisão de amamentar.

Segundo o Ministério da Saúde (BRASIL, [2002?]), estudo realizado evidenciou que a atitude do companheiro em relação à amamentação tem uma influência decisiva. No grupo em que o pai apoiou a amamentação, 75% das crianças foram totalmente amamentadas, mas essa proporção caiu para 10% quando o mesmo foi indiferente ou desaprovou o aleitamento materno.

Na opinião de Carvalho (2002, p. 6): “[...] o pai muitas vezes toma atitudes que induzem ao desmame, quando por uma cultura machista minimiza a importância da lactação materna, quando faz referência jocosa sobre o amamentar ou considerações irreais sobre como a amamentação pode prejudicar seu corpo.” No cenário da lactação materna, Giuglian (2002) também faz referências a estudos que revelaram o homem como figura importante para a prática da lactação materna. No entanto muitos pais não sabem de que maneira podem apoiar as mães, provavelmente por falta de preparo. Este deveria ter início no pré-natal e se estender a todo o ciclo gravídico puerperal.

Assim, acreditamos que assistir ao homem no processo da reprodução humana e fazê-lo compreender os aspectos que envolvem a lactação do filho contribuirá para que ele possa ter um comportamento positivo diante do aleitamento materno, concorrendo para a efetivação desse ato e, conseqüentemente, para a redução dos altos índices de morbidade e mortalidade infantil.

METODOLOGIA

A investigação é do tipo descritiva exploratória, em uma abordagem quantitativa, realizada em cinco unidades de saúde da Secretaria Municipal de Saúde, localizadas no Distrito Sani-

tário Oeste do município de Natal-RN, selecionadas aleatoriamente. A amostra foi constituída por 50 pais que coabitavam com suas companheiras, cujo(a) filho(a) estava entre 0–2 anos de vida e freqüentava os serviços de Imunização e Acompanhamento do Crescimento e Desenvolvimento da Criança (CD) das unidades citadas. Para obtenção das informações, foi realizada entrevista semi-estruturada, mediante aplicação de um formulário elaborado para esse fim, pré-testado e constituído de dez perguntas abertas e fechadas.

Antecedendo a coleta de dados a solicitação e a concessão de permissão formal das unidades para realização da pesquisa. A entrevista foi efetuada nos meses de fevereiro, março e abril de 2003. Esta etapa foi precedida de esclarecimentos aos pais quanto aos objetivos, finalidade e importância da pesquisa, bem como a garantia de seu anonimato. Atestando concordar em participar da investigação, os homens a serem entrevistados assinaram um termo de consentimento esclarecido e informado, obedecendo à Resolução 196/96, do Conselho Nacional de Saúde, no que se refere às normas para pesquisa com seres humanos (BRASIL, 1997).

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Para exposição dos resultados, dividimos a explanação em duas partes: a primeira dá a conhecer as variáveis que caracterizaram a amostra; a segunda refere-se ao homem no processo do aleitamento materno.

Caracterização da Amostra

A idade dos homens entrevistados variou de 16 a 40 anos. A maioria encontrava-se na faixa etária de 24 a 35 anos (70%).

Quanto ao nível de escolaridade, 44% dos participantes referiram ter o ensino fundamental da 5ª à 8ª série; 22% da 1ª à 4ª série; 20% o ensino médio completo; 10% o incompleto; o ensino superior e analfabetismo apresentaram percentuais semelhantes (2%). Estes dados harmonizam-se

com a literatura, pois levantamento realizado em 2000, sobre o perfil da população brasileira, mostrou que o ensino fundamental (da 1ª à 8ª série) concentra a maior parte dos estudantes, com 58,2% dos alunos matriculados. Na região Nordeste, esta proporção é ainda maior: 64,1%. Já as regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste apresentam as maiores proporções de estudantes no ensino médio e na educação superior, confirmando a tendência de que nas regiões mais desenvolvidas o atraso escolar é menor (IBGE, 2000).

Com relação ao estado civil, 58% relataram viver em união estável com suas companheiras e 42% eram casados. Estes dados condizem com a realidade do brasileiro, pois, de acordo com o Censo Demográfico de 2000, houve queda no total de casamentos legais entre 1991 e 2000 (de 57,8% para 50,1%), enquanto a proporção de pessoas em união consensual cresceu significativamente entre os mais jovens, passando de 18,3% para 28,3% (IBGE, 2003).

A maioria dos homens participantes do estudo (70%) tem uma renda familiar entre 1 e 3,5 salários mínimos; 12% não têm renda; e 10% ganham entre 4 e 6,5 salários mínimos. Segundo os dados do IBGE (2003), no nordeste, o maior percentual de pessoas ocupadas tem rendimento de até um salário mínimo (46,2%). Este resultado evidencia a difícil situação financeira vivida por uma parcela significativa da amostra pesquisada.

No que se refere à ocupação dos entrevistados, houve grande diversificação. Destacaram-se a de motorista e comerciante, com percentuais semelhantes (8%), seguido de pedreiro 6%.

Quanto ao número de filhos anteriores, 48% dos pais estão vivenciando o processo da amamentação pela primeira vez. 52% tiveram filhos anteriores; os maiores números recaíram em 1 filho (32%), 2 filhos (12%) e os demais percentuais variaram entre 3 e 7 filhos.

Todos os participantes referiram que seus filhos foram amamentados pela mãe, evidenciando uma certa experiência com o processo do aleitamento materno, o que, provavelmente, irá contribuir positivamente para o sucesso da lactação atual.

O homem e o aleitamento materno

Tratando-se do conhecimento do homem sobre o aleitamento natural, constatamos que 54% da amostra admitiu não saber algo acerca do aleitamento materno e 46% respondeu positivamente. O fato de 54% dos entrevistados não terem conhecimento é preocupante, por considerarmos que o pai pode influenciar a mãe no processo da lactação. Na amostra estudada, porém, observamos que os participantes foram unânimes em reconhecer que o leite materno é importante para criança. Aqueles que afirmaram não ter nenhum conhecimento justificaram sua resposta, como podemos observar nos seguintes depoimentos:

“Porque é melhor que dar mingau [...] é bom e é o melhor leite para a criança.”

“É importante para o crescimento e desenvolvimento da criança.”

“Porque evita muitas doenças. A criança fica mais sadia com o leite materno.”

Dos pais que atestaram ter algum conhecimento, as respostas emitidas foram agrupadas em três categorias, com percentuais de 38%, 35% e 27%, respectivamente: fator de crescimento e desenvolvimento, alimento nutritivo e prevenção de doenças na infância. Os depoimentos a seguir são ilustrativos:

“É ideal para o crescimento e desenvolvimento da criança.”

“É essencial pra o desenvolvimento da criança e pra criança crescer saudável.”

“É bom pra evitar doenças.”

Para Primo e Caetano (1999), os fatores que influenciam a decisão pelo aleitamento natural guardam relação com o conhecimento acerca dos benefícios imunológicos e nutricionais do leite humano, desenvolvimento físico, mental e emocional dos bebês amamentados, além das vantagens de proteção à saúde da mãe.

O leite materno, em virtude de suas propriedades anti-infecciosas, protege as crianças contra diferentes infecções desde os primeiros dias de vida. A incidência de infecções neonatais foi re-

duzida em maternidades de países em desenvolvimento que passaram a promover o aleitamento materno (BRASIL, [2002?]). O aleitamento natural, além de fator nutricional, é uma fonte de segurança para criança.

Ressaltamos que os depoimentos dos pais, quanto à importância do leite humano para a criança, foram semelhantes às respostas da questão anterior. Deste modo, os entrevistados confirmaram seus conhecimentos acerca do aleitamento materno.

Conforme Campestrini (1992), esse alimento atende às necessidades afetivas nos primeiros meses de vida, favorecendo o melhor relacionamento do trinômio pai-mãe-filho, do qual resultará maior saúde emocional da criança. Observamos, porém, na amostra pesquisada, que um percentual mínimo (3%) reconhece a importância do aleitamento materno sobre os aspectos afetivos para a criança, a mãe e o pai.

O estudo evidenciou também que os entrevistados têm conhecimento acerca do período em que a criança deve ser alimentada com o leite materno. Os intervalos mais citados foram: de 0 – 6 meses (44%); 25 meses ou mais (20%); e 19- 24 meses (14%). Apenas 8% relataram não ter conhecimento acerca desse assunto.

De acordo com o Ministério da Saúde (BRASIL [2002?]), o leite materno é fundamental para a saúde das crianças nos seis primeiros meses de vida, por ser um alimento completo, fornecedor de água e proteção contra infecções comuns da infância. É isento de contaminação e perfeitamente adaptado ao metabolismo da criança. Após essa idade, torna-se necessária a complementação com alimentos ricos em ferro, vitaminas e outros nutrientes.

No que se refere à atitude dos pais em incentivar suas companheiras para amamentar, 84% responderam positivamente e 16% afirmaram não incentivar e não encorajar a nutriz. Este achado não condiz com a literatura, pois, segundo Nakano (1996, p.92), a mulher pode se deparar com situações que as levem a necessitar de apoio durante a lactação, visto que:

[...] a fase de amamentar, principalmente na experiência do primeiro filho é carregada de inseguranças, incerte-

zas e conflitos por parte de quem a vive, se configurando em um palco ideal de interferências que podem ser percebidas como favoráveis ou desfavoráveis ao ajuste da mulher na amamentação.

Dentre os que afirmaram incentivar a companhia a amamentar, as respostas foram agrupadas em três categorias: reconhecendo os benefícios do leite materno para criança (45%); aconselhando a mulher sobre a importância do aleitamento materno (38%); e exigindo que a mulher amamente o filho (17%). Destacamos, dentre os pais que admitiram incentivar a amamentação, aqueles que têm a concepção de que o incentivo ao aleitamento natural pode ser realizado com atitude de autoridade sobre a mulher, como denotam as falas a seguir:

“Eu incentivo porque eu imponho o que seja melhor para o meu filho.”

“No grito, eu digo que ela deve amamentar, porque ela é muito desligada.”

Estes depoimentos corroboram os achados de Nakano (1996), que também afirma a ocorrência de cobrança do homem para que a parceira amamente. Deste modo, fica evidente a atitude de poder do companheiro sobre a mulher, no que concerne ao aleitamento natural.

Com base nos resultados, podemos observar que grande parte da amostra estudada (98%) opina que o companheiro deve ajudar no período da amamentação e 2% são de opinião contrária. 92% admitiram ajudar suas respectivas companheiras e 8% afirmaram não ter essa prática. Quanto ao período, 61% declararam contribuir com maior intensidade nos primeiros trinta dias após o nascimento da criança, 33% no curso do primeiro ao terceiro mês e 6% de quatro a seis meses de vida.

Assim sendo, podemos concluir que a ajuda dos entrevistados às parceiras, durante o processo da amamentação, é mais evidente nos três primeiros meses de vida do filho, sob a justificativa de que, nesse período, a mulher apresenta impossibilidade física (65%), dor nos seios (10%), falta de experiência (20%). Um percentual mínimo referiu ajudar por curiosidade (5%).

Ao serem indagados sobre o tipo de ajuda prestada à mulher durante a amamentação, os entrevistados

tados responderam da seguinte forma: cuidando da criança (41%); realizando afazeres domésticos (36%); acompanhando a parceira às consultas médicas (10%); incentivando a amamentação (8%); suprindo às necessidades financeiras (4%); presenteando a companheira (1%).

Ao tratarmos do relacionamento dos entrevistados com suas parceiras, os dados evidenciaram que 52% dos pais que têm renda disseram ter um ótimo relacionamento durante o período da amamentação; 43% responderam bom; e 5% regular. Entre os que admitiram não ter renda, os percentuais das três alternativas foram semelhantes (33%). Diante destes resultados, fica evidente a relação existente entre a renda familiar e o relacionamento conjugal durante o período da lactação.

Concernente aos sentimentos vivenciados pelos homens durante a amamentação do filho, as respostas voltaram-se para felicidade (38%), bem-estar (15%), satisfação (11%), tranquilidade (9%), orgulho (7%), beleza (4%), lembrando sua amamentação (4%), admiração (2%) e economia (2%). Admitimos, portanto, que o pai vivencia diversos sentimentos durante a amamentação do filho.

CONCLUSÕES

Considerando os resultados do estudo sobre a contribuição do homem no processo do aleitamento materno, concluímos que, embora a totalidade dos pais não tenha conhecimento acerca dessa prática, todos consideram o leite natural importante para o crescimento e desenvolvimento da criança. Essa constatação leva-nos a reconhecer a positividade desse achado para o sucesso da amamentação.

A contribuição do pai no processo da amamentação natural ocorre com atitudes e ações em relação ao filho, à companheira e aos afazeres domésticos, principalmente nos primeiros seis meses de vida da criança, como forma de contribuir com a companheira durante a lactação.

Relativamente ao homem/pai no processo do aleitamento materno, o estudo revelou aspectos

que precisam ser aprofundados para uma maior compreensão do masculino no âmbito da saúde reprodutiva.

O reconhecimento da importância do incentivo ao aleitamento materno, bem como da inserção do pai para a concretização dessa prática, leva-nos a opinar que os pontos abordados neste trabalho podem favorecer ao planejamento de ações relativas ao homem e ao aleitamento natural.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J.A.G. de. **Amamentação: um híbrido natureza – cultura**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999.
- BRASIL. Ministério da Saúde. INAN/PNIAM. **O aleitamento materno e o município**. Brasília, DF, 1996.
- _____. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos**. Brasília, DF, 1997.
- _____. Ministério da Saúde. **Recomendações técnicas para o funcionamento de bancos de leite humano**. Brasília, DF, 1999.
- _____. Ministério da Saúde. PNIAM/INAN/MS. **Amamentação: responsabilidade de todos**. Brasília, DF, [2002?]. (Folder).
- CAMPESTRINI, S. **Aleitamento materno & alojamento conjunto: como fazer?** 3. ed. Curitiba: Champagnat, 1992.
- CARVALHO, G.D. **O desmame (Continuação)**. Disponível em: <<http://www.ceaodontofono.com.br/artigos/art/1999/set99.htm>> Acesso em: 20 set. 2002.
- FERNANDES, E.R.L.; BRITO, R.S. de. **O pai no processo do aleitamento materno**. Trabalho apresentado ao 13º. Congresso Estadual de Enfermagem, Natal, out. 2002.
- GIUGLIAN, E.R.J. **Aleitamento materno**. Disponível em: < http://www.respire_melhor.com.br/medicina/aleitamento_4 > Acesso em: 20 set. 2002.
- IBGE. **Novos dados do censo 2000 mostram um Brasil mudado**. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/agestado/noticias/2002/mai/08/49>> Acesso em: 21 maio 2003.
- ICHISATO, S.M.T.; SHIMO, A.K.K. Aleitamento materno e as crenças alimentares. **Rev.Lat.Am.Enf.**, Ribeirão Preto, v.9, n.5, p.70-76, set./out. 2001.
- KING, F.S. **Como ajudar as mães a amamentar**.

Trad. de Zuleika Thomsom e Orides Navarro Gordam. Reedição. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 1998.

NAKANO, A.M.S. **O aleitamento materno no cotidiano feminino**. 1996. 169f. Tese (Doutorado em Enfermagem-Interunidades) – Escola de Enfermagem de Ri-

beirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 1996.

PRIMO, C.C.; CAETANO, L.C. A decisão de amamentar da nutriz: percepção de sua mãe. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v.75, n.6, p.449-455, nov./dez. 1999.

VINHA, V.H.P.; SCOCHI, C.G.S. Aleitamento materno: evolução histórica. **Femina**, Rio de Janeiro, v.17, n.16, p.819-823, jul.1989.